

FILHOS BRILHANTES,
ALUNOS FASCINANTES

AUGUSTO CURY

FILHOS BRILHANTES,
ALUNOS FASCINANTES

A importância do pensamento,
da criatividade e dos sonhos



DEDICATÓRIA

Eu, _____

Dedico este livro

*Desejo que você
Não tenha medo da vida, tenha medo de não a viver.
Não há céu sem tempestades, nem
caminhos sem acidentes.
Só é digno do pódio quem usa as derrotas
para o alcançar.
Só é digno da sabedoria quem usa as lágrimas
para a irrigar.
As pessoas frágeis usam a força; as fortes,
a inteligência.
Seja um sonhador, mas una os seus sonhos
à disciplina,
Pois sonhos sem disciplina produzem
pessoas frustradas.
Debata ideias. Lute pelo que ama.*

AS RAZÕES QUE ME LEVARAM A ESCREVER ESTE LIVRO

«Eu discordo! Protesto! Eu vejo a vida de outra maneira! Vamos construir um mundo diferente!» Frases como estas sempre foram produzidas pela juventude mundial em muitas épocas da História. Agora os tempos são outros. A juventude calou-se, fechou-se, perdeu a garra, os seus sonhos, a capacidade de discutir, a sua fé na vida, a sua esperança num mundo melhor.

Os jovens sempre foram contestatários, sempre discordaram dos erros dos adultos, sempre lutaram positivamente pelos seus ideais. Hoje isto é raro! Muitos deles adoram o sistema social criado pelos adultos, sistema esse que os transforma em meros consumidores, que sufoca a sua identidade e os seus projetos.

É a geração que quer tudo no imediato, pronto, sem ser necessário elaborar nada, sem ser preciso batalhar para conquistar. É a geração que não sabe unir a disciplina aos sonhos, que procura usar processos «mágicos» para lidar com as suas frustrações, que tem dificuldade em pensar antes de reagir.

Há muitos jovens que não têm proteção emocional. Alguns são derrotados por uma área do corpo que rejeitam, outros porque a roupa não lhes assenta bem e ainda outros

pelas rejeições, ciúmes, medo da perda, timidez, provas escolares, deceções e crises que surgem na relação com a sua namorada ou o seu namorado.

No livro *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*, publicado em dezenas de países, falei com os pais, professores, psicólogos, pedagogos e médicos sobre o mundo dos jovens. Fiquei feliz quando centenas ou talvez milhares de escolas o adotaram em diversas nações.

Agora, através do livro *Filhos Brilhantes, Alunos Fascinantes*, chegou a vez de falar não apenas com os adultos, mas principalmente com os pré-adolescentes, adolescentes e jovens universitários sobre as suas mentes, os seus conflitos e os seus desafios. Este livro é diferente do livro anterior, e, devido ao gosto que os jovens têm pelas aventuras, foi escrito como um romance.

As ideias de diversos pensadores, como Freud, Jung, Piaget, Vigotsky, Platão, Sócrates, Agostinho, Paulo Freire e outros, influenciaram a construção deste livro. Talvez alguns textos o façam chorar, outros o encantem e ainda outros o façam viajar. Na realidade, eu escrevi-o para jovens dos nove aos noventa anos.

Vai ficar surpreendido quando perceber que os filhos brilhantes e os alunos fascinantes não são aqueles que são sempre bem-comportados, que não falham, que nunca choram ou tropeçam. Mas sim aqueles que aprendem a desenvolver consciência crítica, a decidir o caminho que devem percorrer, a trabalhar os seus erros, a construir a tolerância, a reconhecer os seus conflitos. São os que choram quando é necessário. E porque não? São os que constroem grandes sonhos e lutam pela concretização desses sonhos. E, acima de tudo, são os que dão uma nova oportunidade a si mesmos e aos outros quando fracassam.

Ficará a conhecer histórias de jovens e de adultos que foram feridos pela vida, rejeitados socialmente, desacreditados, portadores de conflitos, mas que conseguiram encontrar força na fragilidade e dignidade no sofrimento. E quem é que não tem de atravessar os vales da frustração e das dificuldades? O valor de um ser humano não reside nos aplausos que recebe, nas copas das árvores, mas nas raízes enterradas nos solos da sua personalidade e que ninguém consegue ver.

Uma vez, um jornalista entrevistou-me e disse-me que eu fui o autor brasileiro mais lido no Brasil em 2005, com mais de um milhão e duzentos mil livros vendidos nesse ano.

Não entendo porque é que tenho tantos leitores, não mereço este sucesso. Não possuo uma equipa de *marketing*, nem um assessor de imprensa e moro numa floresta. Para mim, o culto da celebridade representa uma imaturidade da inteligência, pois cada ser humano, intelectual ou inculto, judeu ou árabe, escritor ou leitor, é uma estrela única no palco da vida. Você é uma estrela!

As minhas raízes, como já afirmei, não residem no meu sucesso, mas nas dificuldades, lágrimas, noites de insónia, perdas, frustrações e dúvidas incontáveis que vivi para desenvolver ao longo de mais de vinte anos a teoria da Inteligência Multifocal. Esta estuda a última fronteira do conhecimento, o mundo onde nasce o próprio conhecimento, onde se constroem os pensamentos.

Não tenho muito prazer em dar entrevistas, pois não sou uma celebridade nem nunca serei. Sou apenas um psiquiatra, um simples pensador da filosofia e um pesquisador da inteligência, que procura ansiosamente entender o complexo teatro da mente humana.

Pergunto a mim próprio com frequência: como é que entramos na memória em milésimos de segundos e encontramos os endereços dos verbos, pronomes e nomes que constroem as cadeias de pensamentos? Cada ser humano, ao produzir um pensamento, realiza uma tarefa muito mais complexa do que entrar na cidade de Lisboa ou do Porto de olhos vendados e encontrar uma determinada pessoa sem saber o seu endereço. Como é que isto é possível? Mas é assim que acontece na nossa mente.

Quem faz alguma investigação sobre a forma como construímos os pensamentos nunca mais é o mesmo, liberta-se do superficialismo intelectual. Começa a perceber que os ricos, os miseráveis, os adultos, as crianças, os intelectuais e os iletrados são mais complexos do que imaginamos. Sabemos muito pouco sobre quem somos. O que sabemos é uma gota num oceano inesgotável do conhecimento.

Não sou sábio, apenas procuro a sabedoria. O meu sonho é que todos os leitores, jovens e adultos, procurem a sabedoria e aprendam a escrever os capítulos mais importantes das suas histórias nos momentos mais difíceis das suas vidas. Para mim, a sabedoria está a morrer num mundo lógico, consumista e imediatista. Daí que as sociedades modernas se estejam a converter numa indústria de pessoas stressadas e ansiosas.

Quero mostrar, em especial aos jovens, que há períodos em que tudo nos corre bem na vida, em que recebemos apoios e aplausos. Mas há outros períodos em que fracassamos, em que nos sentimos frustrados e destroçados, e em que somos criticados justa ou injustamente.

Há algumas pessoas que nunca nos elogiarão, por mais que façamos um excelente trabalho, embora nos devam

pelo menos respeitar. Mas se não formos respeitados, o que deveremos fazer? Devolver agressividade? Jamais! Veremos que as pessoas frágeis usam a violência e as pessoas fortes, as ideias. Devemos respeitar essas pessoas e pensar como o filósofo Nietzsche pensou: «Aquilo que não me mata, torna-me mais forte.» Para mim, as ideias são sementes, e o maior favor que se pode fazer a uma semente é enterrá-la...

Cada ser humano tem um potencial intelectual enorme para ser explorado, inclusive os alunos que tiram notas baixas na escola. Para explorar esse potencial, devemos seguir um conjunto de princípios:

Em primeiro lugar, precisamos de aprender a debater o conhecimento e a expressar, sem medo, o que pensamos e sentimos. Devemos debater as ideias dos outros, mas nunca violá-las ou desrespeitá-las, pois não somos proprietários da verdade, não somos deuses. Segundo a teoria da *Inteligência Multifocal*, do ponto de vista filosófico a verdade é um fim inatingível.

Em cada dez anos, muitas verdades científicas caem em descrédito, perdendo o seu valor. O conhecimento é produzido num processo que não tem fim. O conhecimento que hoje é considerado absurdo poderá ser sobrevalorizado amanhã. Isto sempre aconteceu na história da ciência e da cultura. Por isso, a democracia das ideias é uma necessidade inevitável. Não é possível viver em liberdade sem respeitar os que pensam de uma forma diferente da nossa.

Em segundo lugar, devemos ter em mente que a grandeza de um ser humano reside na sua humildade, na compreensão das suas limitações e na capacidade de se fazer pequeno.

Em terceiro lugar, precisamos de explorar novos caminhos com coragem. Como sabiamente afirmou Alexandre

Graham Bell, o inventor do telefone: «Se caminharmos apenas por caminhos já traçados, chegaremos apenas onde os outros já chegaram.»

Em quarto lugar, devemos saber que a arte de pensar em filosofia tem início quando começamos a duvidar e a criticar. Devemos aprender a duvidar das nossas falsas verdades e a criticar as promessas políticas, a imprensa, o ensino nas salas de aula, os livros, e inclusive os meus livros e as minhas ideias.

Analise livremente tudo o que vos disserem e absorvam o que considerarem útil. Assim, não serão servos, mas líderes de vós mesmos, verdadeiros pensadores que transformarão o mundo, pelo menos o vosso mundo. *É no fogo da dúvida e da crítica que o ser humano adquire a sua estrutura.*

Este livro começa com um professor de Beslan, uma escola da Rússia que foi massacrada por um ataque terrorista. Sofrimentos indecifráveis ocorreram no seu interior. Usei o drama real de Beslan nesta ficção para que as lágrimas dos pais, dos professores e dos alunos desta escola se tornem um memorial inesquecível.

Na minha opinião, os professores (incluindo os pedagogos e os psicólogos da Educação) são sacerdotes da inteligência, sendo, portanto, os profissionais mais importantes da sociedade, e a escola é o seu lugar mais sagrado.

Neste livro, um professor da escola de Beslan, que ficou muito deprimido e que desejou nunca mais entrar numa sala de aula, devido ao ataque terrorista que presenciou, conseguiu dar a volta por cima. Ultrapassou o problema que o consumia, começou a revolucionar a sua vida e depois alvoroçou outras escolas de outros locais do mundo. Tornou-se especialista em provocar os seus alunos e em fazê-los pensar.

Sócrates, o brilhante filósofo grego, provocava a inteligência dos seus discípulos através da sua fabulosa capacidade para fazer perguntas e para duvidar e, desse modo, formou espetacularmente um grupo de jovens de mentes livres, que aprenderam a amar o debate de ideias e que, por fim, influenciaram a humanidade, de entre os quais se destaca Platão. Os professores que surgem neste livro usarão os princípios de Sócrates no contexto da sala de aula para abrirem a mente dos seus alunos.

Prepare-se para ser provocado e contagiado pelo professor Romanov. Ele é incendiário, agitador e superinteligente. É capaz de despertar os alunos alienados e de os transformar em sonhadores. É capaz de contagiar os alunos tímidos, convertendo-os em alunos intrépidos e corajosos. É também capaz de instigar os professores desanimados e de os transformar em vendedores de sonhos que viram de pernas para o ar a sua escola.

Espero que este livro o ajude a viver uma grande aventura, a passear pelo mundo da ficção e a encontrar uma personagem importantíssima que se encontra nas entrelinhas desta história: você mesmo!

Augusto Cury

PARTE A

CAPÍTULO

1

OS BONS FILHOS CONHECEM O PREFÁCIO
DA HISTÓRIA DOS SEUS PAIS, OS FILHOS BRI-
LHANTES CONHECEM OS CAPÍTULOS MAIS
IMPORTANTES DAS SUAS VIDAS

Uma escola em crise

Havia uma certa escola apelidada de *Escola dos Pesadelos*. Trabalhar e estudar nela era um verdadeiro martírio. Os alunos andavam sempre agitados, não se respeitavam e agrediam-se frequentemente. No semestre anterior, um aluno deixara outro paraplégico ao disparar sobre ele.

Muitos dos professores estavam ansiosos, deprimidos e amedrontados, devido ao clima que se vivia naquela escola. Os alunos sentiam-se alienados, ansiosos e irritados. Para muitos, o último sítio em que queriam estar era dentro da sala de aula. Raramente alguém tinha interesse em aprender. Estudar, assimilar o conhecimento e fazer testes era verdadeiramente insuportável.

Os conflitos eram tão graves que se tornava necessário chamar a polícia diariamente. A escola deixou de ser um canteiro de paz e converteu-se num canteiro de medo. Nada parecia mudar o caos que se vivia naquela escola.

Certa vez, um professor de Física, que deu notas baixas a três alunos, foi ameaçado de morte. Temendo pela sua vida, abandonou a escola. Foi o décimo professor a desistir de trabalhar na escola no último ano.

Foi contratado um novo professor de Física. Chamava-se Romanov, tinha apenas 1,55m de altura, era franzino, magro e aparentemente tímido. Ao vê-lo, alguns alunos, com um sorriso sarcástico, pensaram: «Coitado! Este não dura uma semana. Se o antigo professor, que tinha 1,90 m e era musculado, não suportou a ameaça, este será facilmente dominado.»

No primeiro dia em que Romanov deu aulas ocorreu um grave incidente. Um aluno agressivo e autoritário, apelidado de Gigante, colocou o cesto do lixo da sala de aula junto da porta para o professor tropeçar. Romanov entrou eufórico, estava deseioso de se apresentar, e nem olhou para o chão. O pequeno professor nunca tinha sofrido uma queda tão aparatosa. Quase partiu uma perna.

A classe não conteve o riso, embora alguns tivessem pena do professor. Romanov levantou-se serenamente, sacudiu o pó das calças e depois fitou a face de todos os alunos. Não proferiu uma única palavra, mergulhando num profundo silêncio. No início, ninguém se aquietou. Os minutos foram passando e a plateia começou a ficar incomodada.

O silêncio do novo professor penetrou pouco a pouco na mente dos alunos e inquietou-os. Nunca tinham presenciado uma reação como aquela. Esperavam que o professor se zangasse e lhes desse um sermão, mas foram inundados por um gritante e perturbador silêncio. Quinze minutos depois, ainda estavam todos calados.

A grande lição

Acalmada a plateia, Romanov fez algo que os chocou, ao soltar uns gritos incompreensíveis que assustaram todos os alunos. Após o choque, ele começou a fazer movimentos com as mãos, como se fosse um especialista em artes marciais. Os olhos dos alunos não conseguiam acompanhar os seus movimentos.

De repente, o professor deu uma cambalhota no ar. Os alunos, atônitos, não queriam acreditar no que estavam a ver; o espaço parecia tão exíguo para um movimento tão fantástico. Parecia um filme.

Finalmente entenderam que estavam diante de um grande mestre do karaté, um magnífico cinturão negro. Romanov já ganhara inúmeras medalhas em diversas competições. Treinara pessoas a lutar e a dominar-se, era valente, corajoso e admirado. Mas deixou tudo para se tornar professor.

E, como professor, queria treinar os seus alunos a pensarem sobre dois mundos, o mundo em que estão (o físico) e o mundo a que pertencem (o psíquico). Após deixar a plateia embasbacada com as suas habilidades, bradou com uma voz poderosa:

— Quem colocou o cesto do lixo junto da porta para que eu tropeçasse?

O Gigante encolheu-se. Os seus lábios começaram a tremer. A sua insegurança denunciou-o. Aproximando-se dele, o professor olhou-o firmemente nos olhos e disse-lhe:

— O poder de um ser humano não reside na sua musculatura, mas na sua inteligência. Os fracos usam a força, os fortes usam a sabedoria. Que tipo de força é que tens usado?

O Gigante não respondeu. O professor perguntou-lhe qual era o seu nome. O jovem respondeu rapidamente. Perguntou-lhe ainda se tinha apelido. Ao saber o seu apelido, o professor meneou a cabeça e fez uma pergunta a toda a turma:

— Quem agride os outros é fraco ou forte?

Romanov ensinava através da arte da pergunta. A arte da pergunta abria as janelas da mente dos alunos e fazia-os refletir sobre um mesmo problema a partir de vários ângulos, desenvolvendo áreas nobres da inteligência. Queria que eles pensassem de uma maneira ampla e aberta.

Contrariamente àquilo em que sempre acreditaram, a turma respondeu:

— Quem agride é fraco!

— Então aqueles que promovem guerras e atos violentos são fracos. Quem usa a agressividade e não a sua inteligência é frágil. — Em seguida, voltou-se para a turma e acrescentou: — Todavia, para mim o Gigante não é fraco, é antes um grande ser humano. Tenho a certeza de que ele tem um excelente potencial intelectual. Ele precisa apenas de descobrir esse potencial.

A plateia ficou paralisada perante as suas palavras. Atónitos, eles perguntavam-se: «Como é que ele conseguiu elogiar um aluno do qual todos os professores procuram manter distância?» E dirigindo-se ao Gigante, abriu-lhe a mente. Disse-lhe:

— Tu magoaste-me, mas na minha opinião não constituís um problema nem és um inimigo. Quero que saibas que não és mais um número nesta turma, mas sim um ser humano especial. Se me permitires, gostaria de te conhecer

melhor e de ter a oportunidade de ser teu amigo. — Em seguida, estendeu-lhe a mão.

O pequeno professor tornou-se grande na personalidade do aluno violento, que não amava nem respeitava ninguém. A imagem de Romanov foi arquivada nos solos do inconsciente do Gigante de modo privilegiado.

A partir daí, o Gigante, que detestava Física, passou a gostar desta disciplina. Quem ama o seu mestre, ama a matéria que ele ensina. Quem não ama o seu professor, dificilmente amará as suas ideias. Romanov acreditava nesta tese.

Vários alunos também se comoveram com o episódio. Romanov não tinha apenas um conhecimento lógico sobre a Física, ele conhecia o território das emoções, por isso era um professor fascinante, até porque sabia resolver conflitos na sala de aula. Ele rompeu o ciclo da agressividade, ao surpreender e tratar com gentileza os seus agressores.

A Escola dos Pesadelos começou a receber os raios solares dos sonhos, o sonho da sabedoria, da generosidade e da fé na vida. A dor transformou-se num golpe de amor no pequeno e infinito mundo de uma sala de aula. Para Romanov, a sala de aula é um pequeno mundo, porque o espaço físico, embora seja pequeno, é infinito, pois contém seres humanos complexos e indecifráveis, isto é, verdadeiros universos a explorar.

As atitudes incomuns de Romanov espalharam-se por toda a escola. No episódio do Gigante, ninguém acreditava que ele se calara e ficara emocionado na sala de aula. Ele, que já comparecera na esquadra da polícia e era líder de um grupo que envolvia dezenas de alunos de outras turmas e de outras escolas.

No início, os demais professores começaram a estranhar o comportamento de Romanov. Uns achavam que ele delirava, outros pensavam que ele queria ser a estrela da escola e outros ainda que era um herói que estava a assinar a sua sentença de «morte».

Esvaziaram-lhe cinco vezes os pneus e riscaram-lhe três vezes o carro. Recebia todas as semanas telefonemas anónimos de alunos a ameaçarem-no. Quase diariamente escreviam frases agressivas ou gozavam com ele fazendo desenhos nos muros da escola. Alguns alunos que não o conheciam, detestavam-no gratuitamente. No território da agressividade não se aceitava a sensibilidade.

O tempo passava e apesar de todos os acidentes que aconteciam, Romanov perseverava e continuava a incendiar a escola com a sua mente aguçada. Perturbados, os professores e os alunos perguntavam-se: «De onde vem este professor com um sotaque tão carregado? Como é que ele consegue reagir com inteligência em situações em que só é possível entrar em desespero? Porque é que quanto mais ameaçado é, mais provoca o raciocínio dos alunos? Porque é que fala de sonhos? Isso não é uma coisa que já está ultrapassada? Por que razão insiste em fazer uma ponte entre a disciplina que leciona e a vida real?»

O professor da escola de Beslan

Mais tarde, ficou-se a saber quem era Romanov. O diretor desvendou a sua verdadeira identidade. Ele fora recrutado especialmente para tentar aliviar os graves problemas que existiam na Escola dos Pesadelos. Romanov tinha

sido professor da escola de Beslan, na região do Cáucaso, na Rússia. Essa escola sofreu algo que ninguém podia imaginar, um ataque terrorista em setembro de 2004.

Professores e alunos foram feitos reféns. Penetraram no mais profundo vale do medo. Foram feridos e ameaçados. Passaram fome e sede, e não lhes era permitido sequer fazer as suas necessidades, como urinar, em locais apropriados. Por fim, a tragédia aconteceu.

A invasão da escola pela Polícia, na tentativa de socorrer os alunos, fez deflagrar a violência dos terroristas. Centenas de crianças e adolescentes morreram. Jovens que brincavam, corriam, sorriam, enfim, que estavam a iniciar a sua história existencial cheia de emoções, foram silenciados, fecharam os olhos. A humanidade parou. Depois desta tragédia, as escolas de todo o mundo nunca mais foram as mesmas.

Romanov ficou ferido neste ato terrorista. Alojouse-lhe uma bala na perna direita, mas conseguiu curar-se. Porém, houve uma ferida que nunca mais se fechou: as imagens de jovens inocentes a serem mutilados sem compaixão pelos adultos. Uma espécie que não cuida dos mais pequenos não tem hipótese de sobreviver.

Um dos alunos, Pavlov, o mais ansioso e irritadiço da sua turma, ao desfalecer nos seus braços, proferiu as suas últimas palavras: «Obrigado, professor, por acreditar em mim. Obrigado por me fazer ver que a vida é um espetáculo.» Nesse momento, o seu coração deixou de pulsar, a sua respiração cessou. Romanov soluçava inconformado. Aos gritos, dizia: «Vejam o que fizemos às nossas crianças!»

Por ser muito agitado e alienado, o jovem Pavlov perturbava com frequência o normal funcionamento da sua

turma. Apesar do tumulto que causava, o professor Romanov agarrava-o sempre pelos ombros e dizia-lhe: «Aposto que serás um grande ser humano. Tu ainda vais brilhar.» O elogio penetrava nos quartos mais escuros da sua personalidade.

De facto brilhou. A sua última frase era o sinal de alguém que abriu as janelas da sua mente e refletia sobre o teatro da vida. Para milhões de pessoas, a vida vale muito pouco. Para uns, uma conta bancária, para outros, uma ideologia política, mas para o jovem Pavlov e para Romanov, a vida era um *show* fascinante que nunca deveria ser interrompido, a não ser por fatores inevitáveis.

Deprimido, Romanov não conseguia aceitar o drama da escola de Beslan. As cenas que presenciara de terroristas sentados sobre bombas, gritando com as crianças e com os professores, ameaçando que os matariam se eles não se aquietassem, eram inesquecíveis. Amedrontados, faziam as suas necessidades na frente uns dos outros.

Querendo separar a região da Chechénia do resto da Rússia, usaram as crianças da escola de Beslan como forma de pressionar o governo, colocando-as no epicentro de um conflito que não construíram e que nem sequer sabiam porque existia. Romanov não conseguia apagar da sua mente as imagens de cada um dos seus alunos que faleceram.

Queria abandonar a sala de aula, esquecer tudo o que ocorrera e dedicar-se apenas às artes marciais, mas não conseguia. Queria encontrar um sentido para a sua vida, mas, atormentado, não conseguia. Queria encontrar um lugar em qualquer parte do mundo onde os jovens fossem felizes, livres e autores da sua própria história. Pensava em

mudar-se para esse lugar, mas quanto mais lia sobre o comportamento da juventude, mais dececionado ficava.

Aos poucos, compreendeu que o sistema social dos adultos cometeu crimes imperdoáveis contra os jovens. Entendeu que há um terrorismo psicótico que mata a vida, mas também um terrorismo silencioso em todas as sociedades modernas que não destrói o corpo, mas que esmaga o prazer de viver, a criatividade, a inteligência crítica e a identidade das pessoas.

A juventude era bombardeada diariamente com publicidade para consumir produtos e não ideias. Esse bombardeamento perturbava milhões de pais e professores em todo o mundo, em especial Romanov. O sistema «gritava», na publicidade que passava na TV e nos demais setores dos média, que os jovens deviam consumir telemóveis, ténis, computadores, *iPods*, mas não dizia, nem sequer timidamente, que eles deviam expandir a sua consciência crítica e a arte de pensar, para serem livres dentro de si mesmos.

O veneno do consumismo criado pelos adultos era tão poderoso que os jovens não o contestavam. Pelo contrário, queriam bebê-lo em doses cada vez maiores. Desejando apenas o prazer imediato, os jovens sufocavam os seus projetos de vida. Não sabiam debater ideias, filosofar sobre a vida e pensar nos mistérios da existência. Não refletiam sobre o facto de a vida ser belíssima, mas brevíssima. Por ser tão breve, cada momento deveria ser vivido de uma maneira solene e sábia. «Mas a sabedoria estava a morrer», detetava Romanov.

Na escola de Beslan, os alunos foram reféns de terroristas violentos, mas nas sociedades modernas os jovens eram reféns de um sistema agressivo e controlador que destruía

a capacidade de escolha e os valores da vida. Nunca houve tantos jovens aprisionados no território da sua emoção.

A sala de aula: um campo de batalha

Certa noite, ao acordar ofegante de madrugada, uma luz acendeu-se no interior de Romanov. Sentia que não podia fugir da sala de aula. Não podia enterrar o seu passado. Teria de transformar o seu trauma em adubo para cultivar as flores mais belas do sentido da vida e da inteligência.

Decidiu que o drama da escola de Beslan não seria esquecido. Por amor à juventude e em memória de Pavlov e de todos os seus outros queridos alunos, resolveu que voltaria para a sala de aula e a transformaria no maior campo de batalha em favor da vida. Um campo de batalha que não formaria soldados para uma guerra, mas formaria pensadores apaixonados pela existência e pela humanidade. Um campo de batalha em que os alunos não ficassem apenas a conhecer a Física, a Matemática e a Química, mas no qual aprendessem a lutar pelos seus direitos, contra a discriminação, o consumismo, as desigualdades sociais, a violência e todas as formas de terrorismo.

Romanov deixou as competições das artes marciais e dedicou-se à Física, e principalmente a estudar e a compreender o desenvolvimento da inteligência. Brilhou tanto que começou a ser conhecido internacionalmente. Onde houvesse uma escola com graves problemas, ele era chamado para provocar uma revolução no relacionamento entre os professores e os alunos.